

O cenário de produção massificada promovido pela industrialização na Europa da segunda metade do século XIX teve reflexos diretos na criação e na percepção da arte e da arquitetura. Nesse contexto, John Ruskin geralmente é apresentado como um reacionário que expõe os deméritos de uma arte que se distancia da natureza e “imita” a produção em série. Entretanto, seus estudos permitem entender melhor de que forma muda os estudos científicos sobre a percepção humana afetam a sensibilidade da época. Aí o culto a uma sensibilidade mais “natural” se opõe a uma visão acadêmica da beleza, ainda muito arraigada aos cânones de uma produção “artística”. Enquanto outros expoentes da arquitetura, dentre os quais Viollet Le Duc, primavam por uma expressão arquitetônica mais homogênea, Ruskin buscava o exótico, o incomum, o peculiar.

Com muita tenacidade, os escritos de Ruskin demonstram seu entendimento sobre a influência que fatores externos (científicos inclusive) poderiam ter sobre a percepção humana, particularmente na arte e na arquitetura, e suas extensões na criação artística em geral. Tais observações encontravam respaldo nas teorias científicas e filosóficas que vinham sendo feitas por Robert e Theodor Lipps, desenvolvidas na Alemanha, à mesma época.

Em função disso, a presente pesquisa tem por objetivo estudar o desdobramento de novas formas de consideração sobre a percepção estética do final do século XIX e que, em correlação com o desenvolvimento científico, em particular da fisiologia, exerceram certo grau de influência na produção e criação artística em geral e, em específico, na arquitetura, na transição do séc. XIX ao XX.

Para tal, baseamo-nos nos recursos da pesquisa bibliográfica e iconográfica, cruzamentos de comentários e obras de referência, confecção de quadros cronológicos e consultas a acervos virtuais de títulos originais para uso em banco de dados constituído para este fim. O trabalho está em andamento e as conclusões são ainda preliminares.